

em paralelo, devido às influências do meu avô e da minha tia. E, quando conheci o Xavier e percebemos essa vontade conjunta de fazer música, a nossa linguagem cresceu organicamente — de experimentar com *circuit bending* e electrónica para uma prática cada vez mais minimalista, onde o corpo ganha cada vez mais presença.

SH: Trabalhar com o que se respiga, com objectos quotidianos, com o que sobra — é uma escolha pragmática, estética ou também ética?

XP: Acredito que estejamos no meio desse diagrama de Venn. Tem muito a ver com uma questão prática, mas também de improvisação e de deriva. Está um bocado ligado à onda da corrente italiana da arte povera, mas sobretudo a um pensamento ecológico. Por vezes deixamos um bocado presos, o que não é bom.

ITA: A prática do respigadorismo (parece-me) é inseparável das nossas escolhas — estética, especificamente, se aplicada a uma prática artística. Mas, realmente, vemos valor em determinados objectos que encontramos, por vezes puramente estéticos, outras vezes pela utilidade no nosso dia-a-dia. (...) Interessa-nos esta ideia de democratização da criação artística, em que uma garrafa de plástico descartada se pode transformar num instrumento musical.

SH: Num mundo saturado de estímulos e ruído, propôr escuta atenta pode ser um acto político?

XP: O pensamento obsessivo domina o nosso quotidiano, e a escuta, por vezes, é uma forma de silenciar essas vozes e pensar em silêncio... interior. Vivemos no Phonoceno, como propõem Donna Haraway e Vinciane Despret. (...) Hoje, falávamos disso ao almoço — de como pode, por vezes, parecer um privilégio, esta coisa do *deep listening* — mas que, na verdade, é um acto de curiosidade e atenção pura e, de certa forma, de resistência. Mesmo nos ambientes mais adversos e ruidosos, é possível fazê-lo, e acredito que esta possibilidade de tornar um sentido tão banalizado como a audição num instrumento de subversão da realidade é, para mim, algo muito poderoso.

CICLO DE PERFORMANCES

ZDB 8 Marvila

7 e 8 de Março de 2026 às 18H

Praça David Leandro da Silva 2 Lisboa



XAVIER PAES E INÊS TARTARUGA ÁGUA OPUS SUPO

“Apresentamos duas peças antigas — *Variações para Piões e Berrante* — trabalhos minimalistas com uma componente física bastante presente, que, de certa forma, definem o nosso percurso e que jogam com aspectos como a escuta atenta, a materialidade no som e outras ideias como espaço, arquitectura, espacialização sonora, corpo, música lenta... Vamos também apresentar uma peça nova, bastante simples, que estivemos a explorar ao longo destas últimas semanas.”

Descortinando novas formas de conexão, tanto pessoais, quanto coletivas, no acto performativo, Xavier Paes e Inês Tartaruga Água constituem uma dupla essencial no panorama das linguagens livres da contemporaneidade.

Ao longo de três semanas, o duo habitou o espaço da ZDB 8 Marvila, no âmbito do ciclo “OPUS SUPO”. No final deste período, apresenta uma peça inédita, concebida durante a residência, e ainda duas peças que nunca antes foram apresentadas em Lisboa.

Com um trabalho de investigação permanentemente aberto e em diálogo com as manifestações naturais que os rodeiam, encontram lugares incomuns onde habitam pequenas grandes revelações. Ora previstas, ora acidentais, essas descobertas surgem de um estado de curiosidade genuína.

Pela via sonora, visual ou corporal, tomam o espaço-tempo como um arquivo híbrido de momentos em fluxo: sempre vivo na matéria, sempre indomável nas suas manifestações anímicas. A resistência a formatos fechados não se traduz apenas em um posicionamento consciente, uma militância estética ou um grito político; emerge naturalmente da sua forma de estar, pensar e sentir num universo essencialmente transitório. Nuno Afonso

SÁBADO, 7 DE MARÇO ÀS 18H *Variações para Piões n.o 1* (2021)
grés e corda

Supo II (2026)
violino e 2 arcos

DOMINGO, 8 DE MARÇO ÀS 18H *Berrante* (2018)
estacas de madeira

Supo II (2026)
violino e 2 arcos

Sérgio Hydalgo: O conceito de deep listening, associado a Pauline Oliveros, é uma referência consciente no vosso trabalho. O Xavier partilhou que, em criança, se fascinava com o som de lavar os dentes. Que sons, mais recentemente, vos têm capturado dessa forma quase obsessiva?

O que vos faz ficar?

XP: O som do meu Pai a escovar os dentes fascinava-me, porque era uma imagem super plástica. A velocidade com que fazia aquilo, em tronco nu, em frente ao espelho, enquanto ia abrindo e fechando a boca. Esta coisa que ele fazia deixava-me estarrecido, a olhar para ele. Lavava os dentes enquanto ia, ao mesmo tempo, modulando os sons com a boca, como um filtro. Acho que tem um pouco que ver com esses sons estranhos, das músicas que ouço, que aparecem do nada. Da música distante. Pássaros a namorar ou discutir, ventilações, o chilrear do metro ou de uma escada rolante. Música do ruído. Ruídos musicais. Música estranha.

SH: O que vão apresentar na ZDB 8 Marvila?

XP: Apresentamos duas peças antigas — *Variações para Piões e Berrante* — trabalhos minimalistas com uma componente física bastante presente, que, de certa forma, definem o nosso percurso e que jogam com aspectos como a escuta atenta, a materialidade no som e outras ideias como espaço, arquitectura, espacialização sonora, corpo, música lenta... Vamos também apresentar uma peça nova, bastante simples, que estivemos a explorar ao longo destas últimas semanas.

SH: Há cinco anos falávamos da vontade de tornar as vossas performances mais expressivas no movimento, mais performativas — uma sugestão que partiu de van ayres. Há pensamento por trás dessa presença mais física ou acontece mais por instinto?

ITA: Há uns anos, se me dissessem que iria estar hoje a trabalhar no campo da *performance*, não ia acreditar, porque sempre fui muito tímida e nunca me colocaria diante de uma audiência. Nessa altura, estava ainda a terminar a minha formação em pintura e escultura. Ao mesmo tempo, sempre experimentei com música